



FÓRUM DO CAMPO LACANIANO DO RIO DE JANEIRO

XI JORNADAS DO FCL-RJ 2024

O INCONSCIENTE  
E O INFANTIL

PRELÚDIOS





# Por que sua filha é muda?

de Maria Vitória Bittencourt

A pergunta que me serviu de título é extraída de uma frase de Lacan no Seminário XI, a qual nos alerta que “à análise não cabe encontrar num caso o traço diferencial da teoria e querer explicar porquê sua filha é muda, trata-se de fazê-la falar”, ou seja, levantar o “mutismo do sujeito suposto falante”.<sup>1</sup>

Lacan, por sua vez, extrai essa frase de uma peça de Molière, que se intitula *Médécin malgré lui* ou “Médico à força”, conforme a tradução em português. Nela, um falso médico explica ao pai qual seria a causa do aparente mutismo de sua filha, usando uma linguagem totalmente incompreensível, numa sequência de frases sem sentido que terminam com a célebre exclamação: “Eis porquê sua filha é muda!”. Ora, isso serve de motivo para que Lacan mencione que as explicações confusas que ainda persistiam na psicanálise não bastavam para garantir seu estatuto teórico, era necessário levantar a questão do desejo do analista.

Como o maior efeito do desejo do analista é justamente fazer falar, pergunto se a expressão “mutismo do sujeito suposto falante” poderia ser aplicada aos sujeitos autistas. Pois, como fazer falar esses sujeitos que, embora habitem a linguagem, encontram-se paralisados quanto à fala e se recusam a entrar no laço social via discurso?

No entanto, temos uma ilustração desse efeito de ‘fazer falar’ no caso Dick de Melanie Klein. Segundo Lacan, foi por meio de uma “injeção edípica” que ela levou a criança a fazer seu primeiro apelo, configurando um esboço de demanda dirigido à baba para que ela viesse protegê-lo. Para Dick, esta foi uma maneira de fazer sua “entrada no real”, sintagma com que Lacan define o momento em que o sujeito se eclipsa sob os significantes da demanda.<sup>2</sup> Porém, essa entrada no real não foi sem angústia para Dick, que se viu confrontado ao desamparo diante do enigma do desejo do Outro.

Fazer falar implica provocar angústia? Como manejar essa angústia? Nesse mesmo seminário, Lacan aborda o manejo da transferência de várias maneiras: “Na experiência é necessário canalizá-la (a angústia) e, se ousar dizer, dosá-la para não ser por ela submerso. Aí está uma dificuldade correlativa da que há em conjugar o sujeito com o real.”<sup>3</sup>

Nesse caso, a presença falante de Melanie Klein, seu desejo de analista, poderíamos dizer, ilustra a afirmação de Lacan de que “O fato de que (autistas) não nos escutam, não significa que não haja algo para lhes dizer”<sup>4</sup>. Não podemos negar os efeitos do desejo de analista em Melanie Klein cuja presença “verbosa” fez Dick falar. Mas, como a clínica pode ilustrar a necessidade dessa dosagem de angústia que

orienta o manejo da transferência?

Há casos em que podemos constatar como a angústia faz o sujeito calar numa espécie de anorexia da palavra que pode levar à confusão no diagnóstico. Mutismo não é autismo, eis uma questão a ser debatida em nossa Jornada.

- 1 - Lacan, J. O Seminário Livro 11 Quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Zahar Ed, Rio de Janeiro, 1979, p.18
- 2 - Lacan, J. - “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” in Escritos, Zahar, Rio, 1998, p.662.
- 3 - Lacan, J. – Seminário Livro XI Os quatro conceitos da psicanálise, Zahar, Rio, 1979, p.43.
- 4 - Lacan, J. – “ Conferência sobre o sintoma em Genebra” (1975)



# A função residual da família na cena contemporânea

Eduardo Ponte Brandão

Os laços amorosos e os arranjos familiares transformaram-se vertiginosamente desde meados do século XX, assim, a consanguinidade deu lugar à socio afetividade na definição da parentalidade. A socio afetividade é um conceito caro ao Direito atual, por meio da qual se define, p.ex., a guarda, a destituição familiar, a adoção de uma criança. Mas o que ela pode significar na perspectiva da psicanálise? A socio afetividade sinaliza algo da função simbólica? O reconhecimento da criança como sujeito do direito é suficiente para reconhecê-la enquanto sujeito do desejo?

Outra mudança importante foi a substituição do pátrio poder, conceito oriundo do patriarcado ancestral, pelo princípio de coparentalidade. Desde então, a autoridade familiar é compartilhada entre o pai e a mãe no que se refere à educação e outros assuntos de interesse do filho.

Devemos identificar tal mudança como reflexo do declínio da imago paterna ou sustentar que, em vez do Nome do pai universal, o que está em jogo é uma versão do pai contingente e histórico, que se multiplica à exceção da Lei em tantos nomes quantos forem suportes para a sua função?

Diante desse cenário de tanta diversidade, vale sempre lembrar a função residual da família apontada por Lacan, constitutiva da criança enquanto sujeito, sendo aquele que veicula “um desejo que não seja anônimo”, ou seja, ligado à função materna, “um interesse particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas”, que se articula à função paterna: “vetor de uma encarnação da Lei no desejo” (Lacan, 1969/2003, p. 369). A família corresponde a um resíduo indispensável para a constituição subjetiva, aquém do imaginário que os discursos do direito ou da pedagogia costumam se servir para idealizar ou desqualificar os pais e as mães. Nenhum genitor está à altura do seu ofício e só por intermédio de suas faltas que a criança poderá se constituir como sujeito desejante.



# O corpo como portador das marcas do infantil

Consuelo Pereira de Almeida

Ao falar do infantil, Freud se vale de um chiste. É a história de uma moça que, na entrevista de emprego para babá, autoriza-se a trabalhar no cuidado de crianças pelo simples fato de que “um dia, ela foi uma criança”. Sabemos que a definição de Freud vai justamente no sentido oposto, ou seja, é exatamente por termos sido crianças que esquecemos a criança que fomos um dia. Esquecemos por que a recalemos!

São inúmeras as referências de Freud ao infantil. Vou citar a que aparece numa passagem do tratamento de “O homem dos ratos”, em que ele diz que seu paciente estaria descobrindo, de maneira incidental, uma característica principal do inconsciente: a ligação com o infantil. O inconsciente é o infantil ou, mais precisamente, aquela parte da pessoa que, na época da infância, separou-se dela, não acompanhou seu desenvolvimento ulterior e, por esse motivo, foi recaleada. “Os derivados desse inconsciente recaleado seriam os elementos que sustentam o pensar involuntário e constituem seu sofrimento” (Freud, 1909: 358).

Dito isso, gostaria de refletir a partir da pergunta que me foi colocada pelos tratamentos que conduzi numa instituição hospitalar, e também no consultório, qual seja: “O que pensar do infantil que aparece marcado no corpo?” Durante o percurso analítico, se pode observar o modo como o desejo do Outro incide em cada sujeito, sobretudo em sua forma de lidar com as marcas do infantil. Estas, frequentemente, se fazem presentes no corpo, seja no aparecimento de uma doença orgânica, seja na evolução de um quadro clínico, ou ainda nos comportamentos apresentados pelas crianças e adolescentes. Representado por significantes, o sujeito antecede o seu nascimento e, dessa forma, precede também o seu próprio corpo. No entanto, é pelo corpo que esse sujeito evanescente da cadeia vai se fazer presente, criando vários enigmas, não só para o olhar médico, mas também para o olhar da escola, apontando o que Lacan denominou de “falha epistemo-somática”.

**Trata-se de uma falha que se localiza entre o saber científico sobre o corpo e o que este corpo – habitado por um sujeito do desejo e do gozo ignorado pela ciência – poderá vir a apresentar como fenômeno, devido às suas próprias características e particularidades, mesmo em seu estado adoecido.**

**O discurso da ciência, especificamente o da medicina dita moderna com suas múltiplas especialidades, está cada vez mais alinhado com o discurso do capitalista e, sempre em busca do Um que poderia funcionar para todos, suprime cada vez mais o efeito sujeito! Na atualidade, isso se expande de forma geral em nossa sociedade, tanto no tratamento médico-hospitalar, quanto no ambiente escolar com a enorme proliferação de diagnósticos de TDAH e de autismo. Porém, de um jeito ou de outro, o efeito sujeito vai sempre se fazer presente e os gozos serão sempre impossíveis de universalizar!**

**Termino com uma citação provocativa de Lacan: “Estaremos nós à altura do que parecemos, pela subversão freudiana, ser convocados a carregar – o ser para o sexo?” (Lacan, 1967: 362)**



# De fetiche a poeta, uma passagem pela fobia

Vera Pollo

Ele teria saído do lugar de fetiche do Outro materno e assumido a posição de um poeta trágico, é o que se pode deduzir da releitura do caso Hans, “História de uma fobia em um menino de cinco anos” (Freud, 1909), realizada por Lacan, no decorrer de seu Seminário livro 4: a relação de objeto (1956-57).

Se, por um lado, Freud salientou (1914-15) que a grande frequência da fobia de animal da primeira infância, uma modalidade de histeria de angústia, lhe parecia “quase incondicionada”, por outro lado, ao retornar ao tema, uma década depois, em “Inibição, sintoma e angústia” (1924), ele conclui: Non liquet, ou seja, não está claro.

O que não estava claro nas fobias de animal com que Freud se deparava? Ele havia observado que o sujeito confunde o interno e o externo, e acredita fugir da pulsão quando foge apenas do mundo, e circunscreve o espaço no qual pode se deslocar. O sujeito cria o seu próprio mapa geográfico dividindo-o entre um território neutro e uma zona interdita, como se nela houvesse um risco de vida ou morte.

Em 1924, Freud menciona que a fobia a lobos do menino russo, diferentemente da fobia a cavalos de Hans, não fazia nenhuma alusão à castração. Tratava-se de explicitar que, embora um sujeito criança se identifique com facilidade a um significante-nome de animal, uma tal identificação não seria suficiente para se estabelecer um diagnóstico diferencial neurose/psicose. E nesse ponto convém lembrar que, em Totem e tabu (1913-14), Freud já havia argumentado que um nome de animal ou até de uma planta, como lhe ensinaram os indígenas, pode significar um significante substituto do Pai primevo, cruel e gozador. Ao mesmo tempo, forçando a lógica, como diz Lacan (1963), Freud havia criado seu “mito científico”, primeiramente concebendo um homem que gozava de todas as mulheres, em seguida, asseverando que os filhos unidos o haviam assassinado. Estabeleceram-se, então, as leis civis, na expectativa de que fossem válidas paratodos. Mas o pai retorna sob outro nome e seu culto se perpetua.

Hoje, constatamos que a identificação com o animal está longe de ser restrita às crianças e suscita um enigma. O que se alterou na relação do sujeito com o Outro da linguagem nesse intervalo de exatamente um século, de 1924 a 2024? Não se pode dizer que a criação e o cuidado de animais 'domésticos' se expandiram enormemente? Em Hans, Lacan (1956-57) identificará uma orgia imaginária com o Outro materno. Herbert ocupava para a mãe o lugar de objeto-fetice, ou seja, este objeto que tampona a castração, mas que é ambivalentemente tratado, ora como objeto de atração, ora, de repulsa. Pois, se Herbert vai para a cama e para o banheiro com a mãe, esta não toca e nem o deixa tocar em seu órgão genital, designando-o como "sujo".

Segundo Lacan, o que está em jogo na fobia é claramente um significante e não um objeto, um significante "não qualquer", pois sua materialidade explode em muitos outros significantes, que, com ele, irão compor o "cristal linguístico", identificado por Saussure. Este significante é gerador de toda uma série de deslizamentos, por meio dos quais o sujeito busca responder quem é e pra quê veio ao mundo. Encontra a castração do Outro, sua falta, S(Abarrado). E o sujeito criança gira da perversão à neurose, ele constrói a fantasia. E pode elaborar uma poesia trágica.

Em 1973, em Televisão, Lacan ainda acentua o que chama de "desvios" do inconsciente, seus caminhos que não são de flores, mas pelos quais é preciso passar e passear em uma análise, como fez o pequeno Herbert, à frente de Freud e do seu próprio pai. Mas o problema, prossegue ele, é que os analistas têm medo. De quê? De reconhecer que são desvios gozosos? De que Descartes até tinha alguma razão, quando propôs "Penso, logo gozossou"? No ano seguinte, em sua Conferência em Genebra, Lacan (1975) volta mais uma vez a Hans, para afirmar que "o gozo que resulta desse Wiwi macher lhe é alheio a ponto de estar no princípio de sua fobia" (LACAN, 1975). Na coalescência do significante com a carne, o gozo fálico do falante será dito sexual, porém nada tem de natural.



# A debilidade do mental sob o olhar da psicanálise

Elisabeth da Rocha Miranda

Com a psicanálise aprendemos que o saber todo é vedado ao sujeito do inconsciente, pelo advento do recalque. A divisão do sujeito promovida pela linguagem, provoca redução de energia psíquica, diz Freud; por isso, os homens, em sua maioria, são débeis mentais. Tal divisão estabelece perdas, que se processam em decorrência da necessidade de o sujeito driblar a angústia de castração. São elas: perda da completude nunca tida, do saber, da realidade, quer na neurose quer na psicose. Lacan em 10 de dezembro de 1974 fala da debilidade generalizada para todo ser falante, na medida em que o mental é introduzido pela debilidade, ou seja, há uma perda de saber necessária para que um corpo se faça sujeito, se faça falasser. Assim, mesmo um sujeito com déficit intelectual é um sujeito do inconsciente, que porta um saber sexual que desliza até um ponto de falta, saber este possível ou não de revelar-se.

O termo debilidade mental com o qual alguns sujeitos são taxados desde muito cedo, surgiu no encontro de uma medicina classificatória, que negava à criança a posição de sujeito, com uma pedagogia da norma que visava, antes de tudo, a um treino moral. Freud ao forjar o conceito de inconsciente refere a debilidade mental seja à psicose, seja à neurose ou perversão dando a esse termo o lugar de uma posição subjetiva onde o saber inconsciente, o saber recalcado, este que aponta para o sujeito como aquele que não é autor de seu dizer, embora nele se faça ouvir sua presença, é negado de modo que o sujeito assume uma posição preso a o significante da demanda do Outro encobrando o desejo de saber.

É através do enigma imposto pela questão sexual, que surge o desejo de saber, que é sempre desejo de saber sobre a castração materna. Mas o real da castração materna causa horror, e o sujeito, para não deparar com esse real, inicia sua pesquisa sexual sem, no entanto, perguntar o que realmente quer saber: de onde vêm os bebês? como diz Freud. Por isso, o horror de saber vai ser a mola para o sujeito iniciar sua pesquisa sexual, que não terá fim, porque tem algo de indizível nessa pesquisa: o desejo.

**Todo homem é impulsionado para essa investigação porque a pulsão é o que promove o saber. Como toda pulsão é pulsão de morte, se ela não promove, necessariamente, a pesquisa sexual, o desejo de saber sobre o lugar que o sujeito tem no desejo do Outro, como acontece na debilidade mental, deixa o sujeito entregue a um gozo mortífero, permanecendo como um puro resto, dejetado do simbólico.**

**Lacan, no Seminário, livro 11, diz que ao débil resta ser “o suporte do desejo da mãe num termo obscuro”. Isso nos leva a pensar que a questão sexual que promoveria a investigação, o desejo de saber, não porta um enigma a ser decifrado; este aparece obscuro e obscurizante em relação ao desejo do Outro. É como se o sujeito débil soubesse sobre a questão da castração materna com tal intensidade que não lhe é possível iniciar sua pesquisa sexual. Na impossibilidade de localizar o enigma, o sujeito não pergunta o que o Outro quer, mas responde: Sou eu esse corpo imaginário, sem objetos, sem faltas, oferecido ao Outro materno numa tentativa de manter tamponada sua falta de objeto. A partir das indicações de Lacan a respeito do imaginário do corpo e da observação clínica quanto ao corpo do sujeito débil, cabe perguntar o que ocorre na constituição da imagem corporal na debilidade? O sujeito débil encarna a morte do desejo. O sentido da vida desses sujeitos parece ser o de preservar um desejo mortífero em suas mães. Entendo essa sua posição como impossibilidade de matar a Coisa que constituiria a possibilidade de desejar, conforme Lacan explica em seu texto “Função e campo da palavra e da linguagem” (1953).**

**Fica aqui o convite para discutirmos melhor essa questão durante nossas jornadas “ O inconsciente e o infantil.” Inscrevam-se!!!!**

**Até lá**



# A clínica da infância e a clínica do infantil

Maria Helena Martinho

A teoria freudiana foi fundamental para destacar a existência da sexualidade infantil e do saber que as crianças elaboram, concedendo-lhe estatuto diferente de um simples objeto de investigação. Mas, desde a novidade introduzida por Freud, a ideia de que a psicanálise teria tudo a ver com a infância se difundiu no imaginário social e no próprio meio psicanalítico.

Afirmar que a psicanálise não constitui uma teoria sobre a infância não é negar que crescimento e maturidade distinguem a criança do adulto, é indubitável que o organismo humano passe por um processo de maturação: a maturação neurológica, o desenvolvimento sensório-motor, o desenvolvimento da linguagem, e o cognitivo. Possivelmente, por essa razão, evidencia-se uma grande confusão conceitual em distintas áreas do saber. As diversas teorias que pressupõem um saber sobre a criança propõem-se a explicar o “desenvolvimento emocional da criança”, acreditando que este engloba os diferentes fenômenos ocorridos no organismo e as “características psicológicas e comportamentais” da criança.

A oposição da teoria psicanalítica a essas teorias não implica na negação do tempo e das mudanças que ocorrem no organismo. Trata-se antes de uma ordenação lógica que cronológica. Com Freud, modifica-se a significação da infância, pois ela se desloca do registro genético e cronológico para a lógica do inconsciente. Existe um infantil no psiquismo irreduzível a qualquer dimensão cronológica e evolutiva. O sujeito do inconsciente se constitui, não se desenvolve. Não se trata de aquisições graduais desse sujeito, mas da entrada em um universo de significantes e do modo como a linguagem o posiciona em uma ordem simbólica. O infantil ultrapassa a infância, remete a uma lógica própria, o infantil é a estrutura, a pulsão, o gozo.

As descobertas freudianas nos permitem ressaltar uma diferença entre a clínica da infância e a clínica do infantil: a primeira, se faz a partir de uma perspectiva do desenvolvimento; a segunda, se faz na vertente da divisão do sujeito entre o significante e o real do gozo.

Em “Alocução sobre as psicoses da criança” (1967), Lacan cunha o termo “criança generalizada”, a partir da expressão, “não existe gente grande” – pinçada do livro *Antimemórias*, de André Malraux – e conclui que se não existe gente grande, todos somos crianças. A “criança generalizada”, põe em debate a questão do gozo e da responsabilidade subjetiva, o elemento separador entre a criança e o adulto não é a cronologia, nem a puberdade, mas a posição ética de cada um em relação ao seu modo de gozo.

Desde 1967, Lacan adverte os psicanalistas para a tendência crescente na civilização em relação à objetualização do sujeito, à rejeição da diferença e da alteridade, à universalização dos modos de gozo, à irresponsabilidade quanto ao modo de gozo e à segregação, provenientes da aliança entre a ciência e o capital. No discurso da ciência – instituído no discurso universitário – o saber, agente do poder e da dominação, incide sobre o outro, lugar que a criança ocupa como objeto a, objeto da ciência, objeto do gozo do Outro, criança objetualizada, “criança generalizada”; mas, o discurso do analista desloca a criança até então cristalizada no lugar de objeto a para o lugar de sujeito, desvelando que para-além da maturação do organismo humano está o sujeito do inconsciente, que subjetiva, que dá uma significação própria, singular, aos fenômenos do seu corpo. A ética do discurso do analista, subverte ética do discurso científico-capitalista, sustenta a ética do desejo, inclui a responsabilidade do sujeito em relação ao seu gozo, independentemente da sua idade cronológica.



# O inconsciente e o infantil... através da repetição

Gabriela Zorzutti

Sabemos que o infantil, como ficou explícito na apresentação do tema destas Jornadas, não é um conceito freudiano. No entanto, a prática psicanalítica quotidiana confronta o analista com o infantil, de modo a que dele se dá conta no aqui e agora da transferência. Como diz Leandro de Lajonquière: “a infância é o que os adultos lembram de quando eram crianças”. Ela não existe no tempo presente, está sempre sendo produzida, a ser retomada neste caso...

Como já foi dito em prelúdios anteriores, Freud passa de uma concepção ingênua do infantil, por exemplo na Interpretação dos sonhos, à sexualidade infantil perversa e polimorfa dos seus Três ensaios. Interessa-me sublinhar esta virada, que custou ao gênio vienense muitas noites de sono. Mas essa virada foi essencial e fundante, tanto para a psicanálise quanto para o inconsciente como um saber que trabalha, que trabalha sem descanso, em cada ser falante. Trata-se da via da repetição que desperta Freud para a insistência de algo que não se resolve simplesmente pela via do sentido, e sim, pela via do prazer. Mas, de acordo com o momento em que se apresenta na obra de Freud, essa repetição assume valores diferentes: a repetição nos primeiros anos de vida tem para ele o valor de estabelecer comportamentos que se repetem porque são da ordem do prazer. De novo o olhar ingênuo.

Graças a uma repetição em casos para os quais tal interpretação se torna cientificamente inaceitável para ele – “os meus neuróticos mentem para mim” –, suas observações o forçam a uma das mais importantes descobertas da psicanálise, ou seja, descobre o que está para além do princípio do prazer dando lugar ao automatismo da repetição. O seu trabalho para integrar este fato novo que a prática quotidiana lhe mostrara e que a clínica o fizera articular, conduziu Freud à orientação do tratamento pelo real (que Lacan articularia nesses termos mais tarde), a ponto de afirmar que uma análise que tivesse passado apenas pelas vias suaves da transferência positiva, não deu provas suficientes de ter atravessado a soleira da sugestão.

Depois de uma análise que tenha tocado esses pontos de articulação da repetição, o que resta do infantil? e como?

Será um prazer encontrá-los no Rio!

Em “Alocução sobre as psicoses da criança” (1967), Lacan cunha o termo “criança generalizada”, a partir da expressão, “não existe gente grande” – pinçada do livro Antimemórias, de André Malraux – e conclui que se não existe gente grande, todos somos crianças. A “criança generalizada”, põe em debate a questão do gozo e da responsabilidade subjetiva, o elemento separador entre a criança e o adulto não é a cronologia, nem a puberdade, mas a posição ética de cada um em relação ao seu modo de gozo.

Desde 1967, Lacan adverte os psicanalistas para a tendência crescente na civilização em relação à objetualização do sujeito, à rejeição da diferença e da alteridade, à universalização dos modos de gozo, à irresponsabilidade quanto ao modo de gozo e à segregação, provenientes da aliança entre a ciência e o capital. No discurso da ciência – instituído no discurso universitário – o saber, agente do poder e da dominação, incide sobre o outro, lugar que a criança ocupa como objeto a, objeto da ciência, objeto do gozo do Outro, criança objetualizada, “criança generalizada”; mas, o discurso do analista desloca a criança até então cristalizada no lugar de objeto a para o lugar de sujeito, desvelando que para-além da maturação do organismo humano está o sujeito do inconsciente, que subjetiva, que dá uma significação própria, singular, aos fenômenos do seu corpo. A ética do discurso do analista, subverte ética do discurso científico-capitalista, sustenta a ética do desejo, inclui a responsabilidade do sujeito em relação ao seu gozo, independentemente da sua idade cronológica.

**XI JORNADAS DO FCL-RJ 2024**  
**O INCONSCIENTE**  
**E O INFANTIL**  
**06 E 07 DE DEZEMBRO**  
**HOTEL WINDSOR BARRA**

**COORDENAÇÃO:**

**Consuelo Pereira de Almeida**  
**Glória Justo**  
**Maria Vitória Bittencourt**

